

Trabalho e saúde mental: produzindo reflexões com docentes de magistério superior em enfermagem

Work and mental health: producing reflections with higher education teachers in nursing

Trabajo y salud mental: producir reflexiones con profesores de enfermería de enseñanza superior

Natânia Candeira dos Santos¹, Elaine Antunes Cortez², Geilsa Soraia Cavalcanti Valente³, Mariana de Oliveira Marques da Silva⁴, Lilian Maria de Oliveira Ferreira⁵, Carina Corrêa Bonates Campos⁶

Como citar esse artigo. dos Santos NC, Cortez EA, Valente GSC, da Silva MOM, Ferreira LMO, Campos CCB. Trabalho e saúde mental: produzindo reflexões com docentes de magistério superior em enfermagem. Rev Pró-UniversUS. 2023; 14(3)Especial;154-160.



Resumo

Este estudo objetiva refletir junto aos docentes de magistério superior em enfermagem sobre a relação entre o trabalho docente e a promoção da saúde mental. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, do tipo Pesquisa Convergente Assistencial. Por se tratar do recorte de uma dissertação, neste artigo será discutido uma etapa da fase de perscrutação, que se trata da entrevista-conversa através da problematização pelo arco de Maguerez. A coleta de dados aconteceu entre os meses de abril e junho de 2022, contando, nesta etapa, com a participação de 7 docentes de uma Universidade Federal no Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com o número de CAAE: 49377721.5.0000.5243. Durante a caminhada pelas etapas do arco, os diálogos evidenciam as relações de poder e as relações interpessoais como grandes desestimuladoras na produção de cuidado e de saúde mental no trabalho. Posturas de centralização de poder e individualidade, reforçam a manutenção de organizações rígidas que não favorecem a saúde dos profissionais, interferem nas tentativas de problematização das práticas e dos processos de trabalho, e consequentemente, prejudicam na concretização de um espaço e de uma política institucional para que ocorra participação ativa dos trabalhadores, defrontando as relações de poder. Ademais, reflete-se sobre que diretrizes e políticas se fazem necessárias para pensar saúde mental nas universidades, de modo que haja uma maior diligência no lidar com os conflitos e com as relações de poder.

Palavras-chave: Docentes; Enfermagem; Saúde Mental; Promoção da Saúde; Universidades.

Abstract

This study aims to reflect on the relationship between teaching and the promotion of mental health. This is a descriptive and exploratory study, with a qualitative approach, of the Convergent Care Research type. As this is a section of a dissertation, this article will discuss one stage of the scrutiny phase, which is the interview-conversation through problematization using the Maguerez arc. Data collection took place between April and June 2022, with the participation of seven teachers from a federal university in the state of Rio de Janeiro. The research was approved by the Research Ethics Committee, with the number of CAAE: 49377721.5.0000.5243. During the walk through the stages of the arch, the dialogues highlight power relations and interpersonal relationships as major disincentives in the production of care and mental health at work. Postures of centralized power and individuality reinforce the maintenance of rigid organizations that are not conducive to the health of professionals, interfere with attempts to problematize work practices and processes, and consequently hinder the creation of a space and an institutional policy for the active participation of workers, confronting power relations. It also reflects on what guidelines and policies are needed to think about mental health in universities, so that there is greater diligence in dealing with conflicts and power relations.

Keywords: Faculty; Nursing; Mental Health; Health Promotion; Universities.

Resumen

Este estudio pretende reflexionar sobre la relación entre el trabajo docente y la promoción de la salud mental entre los profesores de enfermería de enseñanza superior. Se trata de un estudio descriptivo y exploratorio con abordaje cualitativo, del tipo Investigación Convergente de Cuidados. Por tratarse de una sección de una disertación, este artículo discutirá una etapa de la fase de escrutinio, que es la entrevista-conversación a través de la problematización utilizando el arco de Maguerez. La recogida de datos tuvo lugar entre abril y junio de 2022, con la participación de siete profesores de una Universidad Federal del estado de Río de Janeiro. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética de la Investigación, con el número de CAAE: 49377721.5.0000.5243. Durante el recorrido por las etapas del arco, los diálogos ponen de relieve las relaciones de poder y las relaciones interpersonales como principales desincentivos en la producción de cuidados y salud mental en el trabajo. Las posturas de centralización del poder y la individualidad refuerzan el mantenimiento de organizaciones rígidas que no favorecen la salud de los profesionales, interfieren en los intentos de problematizar las prácticas y los procesos de trabajo y, en consecuencia, obstaculizan la creación de un espacio y una política institucional para la participación activa de los trabajadores, enfrentándose a las relaciones de poder. Además, vale la pena reflexionar sobre qué directrices y políticas son necesarias para pensar la salud mental en las universidades, de modo que haya una mayor diligencia en el tratamiento de los conflictos y las relaciones de poder.

Palabras clave: Docentes; Enfermería; Salud Mental; Promoción de la Salud; Universidades.

Afiliação dos autores:

¹Mestre em Ensino na Saúde (MPES/UFF) / Enfermeira - Saúde do trabalhador / Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: nataniacandeira@id.uff.br/ ORCID*: <https://orcid.org/0000-0002-8168-957X>

²Doutora, Docente da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EAAAC/UFF) / Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: elainecortez@id.uff.br. ORCID*: <https://orcid.org/0000-0003-3912-9648>

³Doutora, Docente da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EAAAC/UFF) / Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: geilsavalente@gmail.com. ORCID*: <https://orcid.org/0000-0003-4488-4912>

⁴Fisioterapeuta (Esp), servidora da saúde do trabalhador (UFF) / Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: mariana_m@id.uff.br. ORCID*: <https://orcid.org/0009-0004-2819-3155>

⁵Pedagoga, Técnica em Assuntos Educacionais / Instituto Federal Baiano (IF Baiano) / Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: lmoferreira@gmail.com. ORCID*: <https://orcid.org/0009-0005-0055-9212>

⁶Mestre em Ensino na Saúde (MPES/UFF) / Enfermeira / Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: carina.bonates@gmail.com / ORCID*: <https://orcid.org/0000-0001-5909-6164>

Email de correspondência: nataniacandeira@id.uff.br

Recebido em: 16/09/23 Aceito em: 22/09/23.

Introdução

A categoria de trabalho docente tem sido afetada grandemente pelo sofrimento mental, em que patologias relacionadas aos transtornos mentais e comportamentais têm sido contempladas como a maior queixa de saúde e em índices de afastamento do ambiente de trabalho, gerando sofrimento e constituindo um importante problema de saúde pública^{1,2,3}.

A docência é retratada pelo excesso de atribuições e de produtos, em que demandas laborais ultrapassam os muros da universidade e culminam na necessidade infundável de ser suporte aos alunos e à produção científica. Estas exigências, que podem ser exorbitantes, tendem a gerar sentimentos de preocupação, ansiedade, inquietação e aumento de estresse⁴.

Quando vinculados à precarização do trabalho, ao prolongamento da jornada e à sobrecarga, aliados a estrutura organizacional que impede ou dificulta a promoção da saúde mental, os profissionais são colocados em um risco maior para o sofrimento e adoecimento. Não é incomum trabalhadores docentes queixando-se de sofrimento mental, evidenciado pela falta de perspectiva em descanso e lazer⁴.

Com a expansão universitária, a atividade laboral do docente de magistério superior foi vivenciando transformações ao longo dos anos, junto aos avanços nos processos de globalização, os quais aproximaram essas instituições aos interesses de mercado³.

Com isso, a relação entre ser produtiva ou improdutiva, a individualidade e a competitividade, sem levar em consideração os valores qualitativos da produção acadêmica, ganharam delineamentos consolidados como naturais. Neste caminhar, os trabalhadores estão adoecendo na busca pela perfeição exigida por um sistema avassalador⁵.

Como uma analogia ao *~Sísifo* moderno, os professores tendem a suportar o cansaço e o adoecimento, afundando-se em uma produção exacerbada, uma vez que as patologias sinalizadas pelas condições de trabalho tendem a dificultar o diagnóstico devido seu caminhar subjetivo⁶.

Ademais, não existe neutralidade entre trabalho e saúde mental, sendo o sofrimento intrínseco a atividade de trabalho. O surgimento de uma patologia pode ser evidenciado ou facilitado quando não existem condições para que tentativas de reparação sejam realizadas⁷.

Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo: refletir junto aos docentes de magistério superior em enfermagem sobre a relação entre o trabalho docente e a promoção da saúde mental.

Materiais e Método

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório,

de abordagem qualitativa, do tipo Pesquisa Convergente Assistencial (PCA). Por se tratar do recorte de uma dissertação, neste artigo será discutida uma etapa da fase de perscrutação, que se trata da entrevista-conversaão através da problematização pelo Arco de Maguerez.

A PCA tem como característica importante a convergência entre pesquisa e assistência, de modo que embase a construção filosófica e teórica da pesquisa. Para tanto, este tipo de pesquisa divide-se em quatro etapas, a saber: concepção, instrumentação, perscrutação e análise⁸.

Faz-se importante pontuar que a PCA está interessada nos atores que queiram participar de possíveis mudanças ou inovações no cotidiano de trabalho⁸, e por isso, o conceito de assistência se amplia nesta produção. Devaneia-se que a assistência não está completamente restrita às instituições de saúde, mas se amplifica nos ambientes em que existam coletivos sociais com necessidades que sejam validadas e repensadas junto ao movimento de dança exigido pela pesquisa convergente assistencial⁹.

Assim, tem-se como cenário deste estudo a Escola de Enfermagem de uma Universidade Federal (UF), localizada no Estado do Rio de Janeiro. Foi observada a quantidade de afastamento dos docentes da UF devido aos transtornos mentais e comportamentais, e por se tratar de uma escola de saúde, quando associada à profissão docente, há uma exigência de grande produtividade (graduação, mestrado, doutorado, campo de estágio assistencial, pesquisa, extensão, entre outros), mesmo em contato aproximado com situações estressantes, a exemplo da pandemia por COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*).

Foram estabelecidos como critérios de inclusão o docente estar vinculado à universidade, em desenvolvimento pleno das suas funções na docência e que desejasse participar do estudo. Como critérios de exclusão têm-se os docentes licenciados, em período de férias ou cedidos a outras instituições no momento da coleta de dados.

Os convites para a participação seguiram as orientações do Ofício Circular n. 2/2021/CONEP/SECNS/MS. A coleta de dados aconteceu entre os meses de abril e junho de 2022. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o número de CAAE: 49377721.5.0000.5243 e parecer de aprovação nº 4.931.474. Ademais, foi desenvolvida cumprindo-se as resoluções éticas brasileiras, em especial as resoluções CNS/MS Nº 466/2012 e Nº 510/2016.

Na ocasião da coleta de dados, 7 (sete) profissionais participaram da entrevista-conversaão. À princípio, este estudo foi planejado para que a última etapa da coleta de dados acontecesse através de oficinas em ambiente virtual. Seria aplicada a metodologia de problematização do Arco de Maguerez com metodologias ativas de ensino-aprendizagem para

estimular o debate em grupo.

As oficinas foram idealizadas com atividades de promoção em saúde mental, e em cada oficina uma estratégia seria utilizada (musicoterapia, meditação e arteterapia). Contudo, o caminho percorrido pela pesquisa exigiu que as oficinas fossem substituídas pela entrevista-conversa, momento em que foi possível perceber o princípio de *expansibilidade* da PCA^{8,9}.

As atividades de saúde mental foram indicadas pelos próprios docentes na primeira etapa de coleta de dados, ao preencherem o questionário semiestruturado. Apesar da adesão satisfatória na primeira etapa, a participação no primeiro dia de oficina foi nula. Prosseguiu-se à reflexão sobre a não adesão na ocasião, compreendendo-se que o período era desafiador para a comunidade acadêmica, devido à reorganização dos modos de trabalho com o retorno das atividades presenciais ou semipresenciais.

Abriu-se novamente a possibilidade para que os participantes colocassem os melhores dias e horários para participação nas oficinas, contudo, na segunda tentativa compareceram apenas duas pessoas. De posse das duas experiências, houve nova reflexão quanto ao possível desconforto dos participantes para olhar a realidade de trabalho e debater entre colegas.

Encadeando as reflexões sobre o desenvolvimento da pesquisa, a análise da primeira etapa da coleta de dados e de todo o material construído para a realização das oficinas em grupo, optou-se para a realização de entrevistas-conversa individuais, de modo que pudesse haver o diálogo e a participação ativa na construção de produtos da pesquisa. A entrevista-

conversa não é idealizada como um instrumento pré-elaborado, pois ocorre durante a prática, no cotidiano de trabalho, entretanto, de modo mais informal¹⁰.

Esta característica tornou-se singular para o desenvolvimento deste tipo de coleta de dados, uma vez que o ambiente de trabalho, a partir da pandemia por COVID-19, foi a própria casa. Com isso, a conversa com os docentes aconteceu por *Google Meet*, no ambiente de trabalho/casa, por vezes em um intervalo entre as atividades, o que conferiu a sensação de proximidade, conforto, segurança e confiança mútua entre pesquisadora e participantes.

Por conseguinte, a análise e interpretação de dados foram guiadas pelas notas de entrevista (NE). Todo o conteúdo foi transcrito na íntegra e o registro de informações aconteceu de forma sistemática e em ordem cronológica para a identificação dos participantes (NE1, NE2, NE3).

Resultados e Discussão

A construção do arco de Magueréz: um olhar atento para a realidade

As entrevistas-conversa aconteceram seguindo a proposta do arco de Magueréz (figura 1), de modo que fosse possível caminhar por uma lógica ascendente, com o intuito de olhar para a realidade apresentada e culminar com propostas de intervenção fomentadas pelos próprios docentes.

Na etapa de observação da realidade, os participantes foram convidados a olharem para o

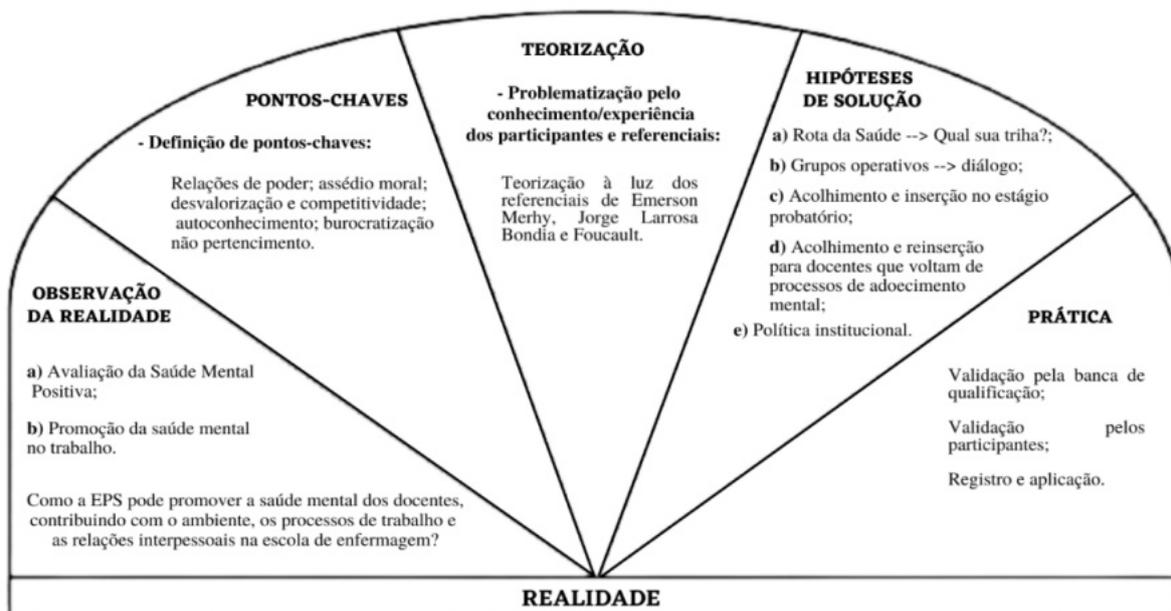


Figura 1 - Etapas percorridas utilizando-se da metodologia de problematização pelo Arco de Magueréz como intervenção educativa.

Fonte: Elaboração própria (2022).

contexto de trabalho e refletirem sobre a promoção da saúde mental neste cenário, analisando criticamente a conjuntura e estabelecendo uma problematização. A aproximação com a realidade também partiu de um encontro com suas próprias experiências como docentes, à medida que o caminhar pelo arco fosse acontecendo.

Dispôs-se como questionamento norteador: “Como a educação permanente em saúde pode promover a saúde mental dos docentes, contribuindo com o ambiente, os processos de trabalho e as relações interpessoais na escola de enfermagem?”.

Na etapa de seleção de pontos-chaves, cada participante dialogou sobre as próprias experiências no cotidiano do trabalho e olhou para o que fosse determinante das situações apresentadas e também vivenciadas. As reflexões foram suscitadas, possibilitando uma riqueza nos diálogos estabelecidos. Neste sentido, foram elencados como os principais pontos-chaves as seguintes questões: *relações de poder; assédio moral; desvalorização e competitividade; autoconhecimento; burocratização e não pertencimento*.

Na terceira etapa, teorização, a partir da percepção do problema, os participantes foram convidados a indicarem referenciais teóricos que pudessem abarcar os questionamentos desenvolvidos e discorressem sobre as situações, fortalecendo a discussão. Foram colocados como principais referenciais pelos docentes: Emerson Merhy com o trabalho vivo em ato; Michel Foucault com as relações de poder; e Jorge Larrosa Bondia com a percepção da experiência.

Na quarta etapa do arco de Charles Maguerez, foram propostas pelos docentes hipóteses de soluções embasadas majoritariamente pelo diálogo, compreendendo-se que para propostas robustas em promoção da saúde mental, a gestão, em seus diversos níveis na universidade, necessita de mudanças. Assim, foram sugeridos o planejamento de *grupos operativos, o acolhimento e a inserção no estágio probatório, o acolhimento e a reinserção aos docentes que voltam de processos de adoecimento e a sinalização para uma política institucional*.

É significativo refletir sobre as sugestões de melhorias discutidas com os participantes da pesquisa, principalmente ao se pensar que os produtos devem ser implementados no próprio local de trabalho.

Levando em consideração que a principal vulnerabilidade apresentada até este momento diz respeito às relações interpessoais e que os laços firmados estão desgastados, questiona-se sobre como reoxigenar esses vínculos para que resultados possam ser verdadeiramente palpáveis.

Diálogo e potência: a permeabilidade do trabalho às dores e aos dissabores

Durante a caminhada pelas etapas do arco, os diálogos forneceram aspectos potentes e significativos para o repensar das práticas de trabalho, uma vez que este cenário se refere a um lugar que não passa despercebido e que não é impermeável às dores e aos dissabores.

“A gente observa em diferentes contextos dentro da universidade as relações de poder e o assédio que se produz com relação a isso, faz com que, por exemplo, os docentes fiquem se sentindo muito mais vulneráveis e que essas relações de solidariedade não aconteçam”. (NE1)

“Como a gente é cobrado muito na direção do que eu sou e do que eu produzo, as relações passam por isso de quem produz mais tem mais poder que quem não produz tanto, e entra numa seara muito delicada que produz um adoecimento fenomenal”. (NE2)

“Dentro da questão da promoção da saúde mental do trabalho, tem aquela questão do assédio moral, que vem assim de diversas formas, de maneira bem sutil [...]. Temos aquela questão de competição, publicação e essas coisas, e as pessoas que não estão dentro dessas caixinhas estarão excluídas uma vez que poderiam ser incluídas nesse processo”. (NE3)

“A forma que a gente se comunica também, não só na relação do trabalho, mas na própria organização do trabalho, a forma como uma ação é demandada faz muita diferença para o outro né [...] porque as pessoas atravessam as outras por meio do discurso [...]. Eu luto cotidianamente para tentar não ouvir a opinião do outro”. (NE4)

“Às vezes você é muito mais valorizado fora do seu espaço de lotação do que dentro do seu espaço [...]. Existe uma desigualdade na valorização desse profissional e isso compromete a saúde mental. Isso dá uma desmotivação no seu processo de trabalho e você acaba entrando num processo adoecedor [...] você começa a não ter vontade de ir trabalhar”. (NE6)

As relações de poder foram fortemente discutidas como grandes fontes para o desestímulo na produção de cuidado e de saúde mental no trabalho. O poder, para Foucault, é desempenhado e praticado, e assim, as relações se engendram pelo âmago de uma “eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade”¹¹. Esta eficácia apresenta-se com o intuito de adestrar o corpo do indivíduo, tornando-o útil¹¹.

Nesta perspectiva, o poder é “um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos”¹², e assim, o fomento ao corpo docilizado ao longo do tempo é crucial para a estruturação e aceitação das relações de poder¹².

A importância de docilizar e adestrar o corpo dos sujeitos reside justamente para que não haja resistência, e, estando a atividade docente inserida em um cenário marcado historicamente pela necessidade de obediência ao cumprimento de tarefas implantadas, tem-se uma importante desumanização ao trabalho docente através de dispositivos de controle¹³, os quais levam ao sentimento de desvalorização.

Este poder é transportado, distribuído e naturalizado como um atravessamento de vida cotidiana, ancorando-se sobre as organizações e sobre os corpos imóveis e dóceis. É através desses espaços e dos controles empregados, que o tempo vira uma mercadoria¹⁴, não podendo ser gasto com o que é considerado uma perda, a exemplo da conversa trocada entre colegas.

Não obstante, enquanto refletiam sobre tais relações, alguns indivíduos mencionaram como os docentes com menor tempo de serviço, ainda em estágio probatório, sofrem com a falta de acolhimento.

“Se você não está inserido dentro dos nichos provavelmente você será excluído de algumas questões. Isso gera um pouco de dificuldade com a saúde mental, principalmente para os novatos que ficam praticamente em cima do muro, e quando você está no estágio probatório, você não pode se posicionar em algumas questões [...]”. (NE2)

“Quando os docentes entram para fazer o estágio probatório, eles não são bem recebidos, o acolhimento não é bom, é sentar dar aula, tá aqui o plano e é isso”. (NE5).

“Quando você entra a cultura é de adoecimento, ele tá vindo, vai botar tudo nas costas da pessoa, vai ralar, vai trabalhar. O que tá por trás de tudo é a própria constituição institucional”. (NE6)

Ponderando sobre o servidor em estágio probatório, a partir das falas dos entrevistados, e de como as relações têm sido construídas e mantidas entre colegas, o conceito do trabalho vivo em ato se apresenta como um ponto importante para reflexão a partir de uma apropriação dos modos de fazer e pensar no contínuo deste trabalho vivo.

Associada à perspectiva do poder, é valoroso refletir sobre o trabalho vivo em ato no meio educacional centrado em professores que compõem as formações em saúde. O processo de exploração do sofrimento do trabalhador, que os coloca em posição de vulnerabilidade, inverte proporcionalmente a lógica do trabalho vivo que enxerga o trabalhador como protagonista dos processos¹⁵.

Enquanto espaço de micropolítica, quando são fornecidas condições e hegemonia para o desenvolvimento do trabalho vivo, há uma tendência para que a escuta, as trocas e o acolhimento sejam mais possibilitados. Evocando a promoção da saúde mental, um espaço laboral que mantém o trabalho morto, em detrimento das produções que o trabalho vivo em ato pode favorecer, deixa um processo de trabalho acolhedor sempre à deriva^{15,16}.

O trabalho, como experiência subjetiva, perpassa através da disponibilidade que o sujeito está para consigo, com os demais e para o mundo. Enquanto indivíduo, sua mobilização pode despertar a partilha de cuidados com o outro^{15,16}, em um fomento ao cuidado

com a saúde mental.

Em perspectiva e em reforço às pontuações acima, algumas falas remetem sobre as vivências e experiências que o contato com o outro pode produzir.

“Tem um autor [Jorge Larrosa Bondia] que faz o inverso nesse processo educacional [...] ele fala da experiência, então eu acho que a gente precisa de um movimento dentro da própria universidade com que nós docentes refletimos a nossa prática profissional, sobre a nossa experiência enquanto equipe e departamento e escola, porque senão a gente acaba, literalmente, segregando as pessoas em determinadas caixinhas e acaba adoecendo” (NE2).

“Respeito e solidariedade são dois atributos que vêm com a gente, mas na realidade é um exercício, você me respeita e eu te respeito na medida em que a gente vai numa experiência juntos, numa convivência, num estar vivendo juntos, abrindo espaço e negociando aquela relação [...] essas são questões que precisam ser trabalhadas”. (NE5)

Produzir sentido e significado também diz respeito ao que é oferecido no lugar em que os trabalhadores se encontram. Viver a experiência é viver o que toca o sujeito, e é colocada em um patamar de raridade, pois o tempo como mercadoria e o excesso de trabalho e de opinião de terceiros, minam a capacidade de se deixar atravessar, e conseqüentemente, tocar¹⁷.

Na era digital, da informação, os trabalhadores estão com acúmulos de tarefas e obrigações cada vez maiores, e na atividade da docência é necessário que se produza, aumente as demandas em um ciclo inesgotável de trabalho, perdendo-se a vivência da experiência como algo singular, imprevisível e reflexiva sobre o próprio autoconhecimento. Viver é rotineiramente reduzido à satisfação dos aspectos biológicos para a vida em sociedade¹⁷.

Obviamente, é necessário ponderar sobre as instituições em que são colocados esses sujeitos e o fomento à lógica do tempo enquanto mercadoria. Fala-se aqui da experiência com sua carga de subjetividade, mas pensar em promoção da saúde mental desconsiderando as normas que estão impostas é também desconsiderar as experiências que tocam os sujeitos, as quais partem das demandas institucionais, e que são representadas, por vezes, na figura dos gestores.

“A organização do nosso processo de trabalho é horrorosa. Essas coisas têm que ser institucionalizadas [...] só funcionam se isso parte da premissa do plano de desenvolvimento institucional e da unidade”. (NE1)

“Se eu levar aquilo que me traz conforto fora do meu ambiente de trabalho, que é um escape pra mim, para dentro do meu trabalho, pode acabar com a única estratégia que eu tenho pra minha saúde mental se manter equilibrada. A universidade que eu estou hoje me dá vontade de pedir exoneração [...]. Eu quero continuar tendo sentido no que eu estou fazendo, eu quero continuar tendo sentido”. (NE4)

“Um ambiente de trabalho que não tem uma política

centrada em favorecer os trabalhadores daquela instituição já joga tudo por terra [...]. Fica no intrínseco da instituição que todo mundo está de bem com a vida, então me preocupa muito porque estamos com adultos jovens de 45 até 65 anos já diagnosticados em tratamento em saúde mental, e a gente fica preocupado com isso, porque a gente pensa em que momento do processo de trabalho eu conduzi para esse lado”. (NE6)

“Mostrar que as relações podem ser tóxicas, mostrar para os gestores que eles deveriam ter mais cuidado. A proposta de intervenção pra mim tá no cargo de gestão, começar por ali, trabalhando os próprios gestores no processo, aí eu consigo ver uma contribuição, principalmente no autoconhecimento, para de repente se reconhecerem nos comportamentos e atitudes que viabilizem as relações interpessoais”. (NE7)

As instituições detêm as regras e, por vezes, internalizam nas pessoas o modo como se deve agir e estar nos espaços laborais. Resistentes às mudanças, as instituições externalizam obstáculos ao incentivo de práticas que poderiam levar ao desenvolvimento de habilidades para promoção da saúde mental¹⁸.

Considerar somente os aspectos individuais dos trabalhadores interfere em mudanças no contexto real do trabalho, logo, é extremamente desafiador alcançar transformações à nível de instituição/gestão¹⁸. Práticas que evidenciem a autonomia, corresponsabilidade, acolhimento, promoção da saúde, entre outras questões, poderiam ser reforçadas entre as organizações, colaborando inclusive em propostas de gestão mais participativas.

Posturas de centralização de poder e individualidade, reforçam a manutenção de organizações rígidas que não favorecem a saúde dos profissionais, interferem nas tentativas de problematização das práticas e dos processos de trabalho, e conseqüentemente, prejudicam na concretização de um espaço e de uma política institucional para que ocorra participação ativa dos trabalhadores, defrontando as relações de poder¹⁹.

Quando questionados sobre as possíveis soluções ou medidas para promoção da saúde mental no contexto do trabalho, os participantes focam majoritariamente nas relações interpessoais e na produção de diálogos.

“Ações de socialização, porque na verdade se você parar pra pensar, todo mês temos reuniões, mas é sempre a gente tá solucionando problema, embora no final tenha palavra aos membros, sempre é pra trazer problemas, nunca é algo que, sei lá... e aí se você parar para pensar, soluções né... era menos cobranças, mas como fazer isso”. (NE3)

“A gente precisa é conversar. A gente precisa de um espaço de fala pra trocar, porque uma das coisas que a gente percebe também é que muitas vezes quem sabe mais não tem oportunidade de dividir com aquele que tá chegando [...] então, se você abre uma roda dessas, você tá entendendo que todas as pessoas que estão ali estão para trocar, elas não estão obrigadas como numa reunião de departamento”. (NE4).

“Dentro dos departamentos a gente trabalha aula, plano

de ensino, mas a gente não trabalha a gente, a gente não se compreende, não se pertence, até se aglutina, até se junta, a gente até se respeita, mas não fazemos um corpo de pertencimento, onde quando eu olhasse você, eu não criticasse você antes de compreender quem você é [...]”. (NE5)

“Eu acredito muito nos grupos operativos, em grupos com espaços pelo menos que as pessoas se reunissem, porque por mais que a pessoa diga ah, eu vou lá e não vou falar nada, mas chega uma hora que a pessoa coloca. Penso que isso vá provocar uma mudança de comportamento, o outro que tá em sofrimento ganha um espaço de diálogo”. (NE6)

Retoma-se a importância das relações dialógicas como indutoras para a experiência de vivenciar a abertura para o outro e para o reconhecimento de ambos como seres inacabados e em movimento permanente. A educação como prática de liberdade permite ao sujeito a possibilidade de diálogos que evidenciam as problemáticas existentes, e que impulsionem o pensar crítico, uma vez que torna o sujeito consciente de sua passagem pelo mundo^{20,21}.

A construção dos saberes é desafiado através da partilha de diferentes experiências, na busca por ações humanizadoras, na estruturação pela ação e reflexão. O respeito ao outro e às diferenças fazem parte de um estar coletivo, principalmente ao se pensar que ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo¹⁹.

Neste sentido, refletir sobre o processo educativo enquanto docente é também refletir sobre os sistemas de relações que o compõem^{22,23}. Ademais, é também refletir sobre como as relações podem promover saúde mental ou compor o conjunto que pode levar o sujeito ao adoecimento.

Considerações Finais

Pensar sobre o que confere beleza no encontro dos grupos no trabalho, no sentido de experienciar a construção diária, com a troca de discursos menos idealizados para o auxílio mútuo, é desafiador. A partir destes aspectos bifurcam duas questões para a reflexão: pensar em quais características pessoais podem influenciar para o bem-estar de si e do outro, de modo a potencializá-las individualmente e em conjunto, e em quais características de gestão também interferem no bem-estar e na saúde mental no trabalho.

Os diálogos estabelecidos possuem uma força muito valorosa neste estudo. Posto isto, houve um predomínio de relatos que abordam as relações de poder e seus atravessamentos, a exemplo do assédio e do sentimento de desvalorização, como um fomento ao sofrimento no cotidiano de trabalho e como um desmotivador para a promoção da saúde mental.

Renova-se o assentimento quanto à necessidade de olhar para o docente e para o meio em que o sujeito está inserido, atentando-se para os modos de viver e

sentir o trabalho. Este estudo reforça para a emergência na ampliação de discussões sobre promoção de saúde mental, e sobre os aspectos vinculados às relações de poder. Estas questões são postas em evidência quando a análise dos dados instigou inquietações como diálogo e pertencimento.

Esta pesquisa encontra limitações na própria participação dos docentes, entretanto, é importante pontuar a riqueza de discussões e reflexões que foram suscitadas pelos sujeitos que se dispuseram a participar. É importante refletir sobre que diretrizes e políticas se fazem necessárias para pensar saúde mental nas universidades, de modo que haja uma maior diligência no lidar com os conflitos e com as relações de poder.

Referências

- Campos TC, Vêras RM, Araújo TM. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. *Revista Docência do Ensino Superior*. [Internet]. 2020 Fev.; [citado em 11 de agosto de 2023]; 10:1-19. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/15193>.
- Farci MGD, Urt SC, Barros ATF. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento. *Revista de Psicologia Escolar e Educacional*. [Internet]. 2018 Mai/Aug.; [citado em 10 de agosto de 2023]; 22(2):281-290. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201802175546>.
- Guimarães AR, Chaves VLJ. A intensificação do trabalho docente universitário: aceitação e resistências. *Rev. Bras. Pol. Adm. Educ.* [Internet]. 2016 [citado 10 de agosto de 2023]; 31(3):567-86. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/rbpae/article/view/59914>.
- Rodrigues AMS, Souza KR, Teixeira LR, Larentis AL. A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. *Cien Saude Coletiva*. [Internet] 2020 Mai.; [citado em 11 de agosto de 2023]; 25(5): 1829-1838. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000501829.
- Lemos DVS. Precarização do trabalho docente e os impactos na saúde – o professor no seu limite. *Rev. Entreideias* [Internet]. 2014 [citado 08 de agosto de 2023]; 3(1): 95-109. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/15193>.
- Leite JL. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. *Rev. Katálysis* [Internet]. 2017 Mai/Ago.; [citado em 08 de agosto de 2023]; 20(02): 207-215. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>.
- Dejours C. A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- Trentini M. Pesquisa Convergente Assistencial-PCA: delineamento provocador de mudanças nas práticas de saúde. Porto Alegre: Moriá, 2014.
- Trentini M, Paim L, Silva DMGV. O método da pesquisa convergente assistencial e sua aplicação na prática de enfermagem. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2017 [citado em 03 de agosto de 2023]; 26(4):e1450017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017001450017>.
- Trentini M, Paim L, Silva DMGV, Peres MAA. Pesquisa convergente assistencial e sua qualificação como investigação científica. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2021 [citado em 03 de agosto de 2023]; 74(1):e20190657. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/yZ9CcTP6mN6VWXpqKdk6f3p/?format=pdf&lang=pt>.
- Machado R. Por uma genealogia do poder. In: Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- Foucault M. O sujeito e o poder. In: Dreyfus HL, Rabinow P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- Mendonça Neto OR, Antunes MTP, Vieira AM. Controle do trabalho docente: provocações foucaultianas para análise da gestão universitária. *Avaliação* [Internet]. 2015 Out.; [citado em 11 de agosto de 2023]; 20(3):665-683. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/2326/pdf>.
- Foucault M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições70, 2013. Ebook Kindle.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *A educação permanente entra na roda: pólos de educação permanente em saúde: conceitos e caminhos a percorrer*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- Sant’anna SR, Hennington EA. Micropolítica do trabalho vivo em ato, ergologia e educação popular: proposição de um dispositivo de formação de trabalhadores da saúde. *Trabalho, Educação e Saúde* [Internet], 2011 [citado em 20 de julho de 2023]; 9(supl 1): 223-244. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/37295/ve_Sant%27Anna_Suze_et al_INI_2011.pdf?sequence=2&isAllowed=y.
- Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* [Internet], 2002 [citado em 20 de julho de 2023]; (19):20-28. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *Política Nacional de Educação Permanente em Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- Costa MAR, Souza VS, Benedetti GMS, Teston EF, Matsuda LM, Marquete VF. Educação permanente em saúde e interface com a gestão do cuidado. *Revista Sustinere*, [Internet], 2018 Jul [citado em 11 de agosto de 2023]; 6(1):37 – 51. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/30708>.
- Freire P. *Educação como prática de liberdade*. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- Freire P. *A Educação na Cidade*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 63a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- Freire P. *Pedagogia da solidariedade*. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.